

“Lagoa que vira lenda, lenda que vira música!”:

Relatos de um estágio curricular supervisionado

Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

Beatriz Bauer

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

bjia.bauer16@gmail.com

Tomas de Azevedo Bueno

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

otombueno@gmail.com

Lia Viégas Mariz de Oliveira Pelizzon

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

liapelizzon@gmail.com

Resumo: Esse relato de experiência apresenta o projeto “Lagoa que vira lenda, lenda que vira música!”, desenvolvido no Estágio Curricular Supervisionado. O projeto teve como objetivo articular práticas musicais e elementos da cultura local, utilizando a lenda de Peri e Conceição como fio condutor para a composição, performance e escuta musical com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada no bairro Lagoa da Conceição, em Florianópolis. A metodologia baseou-se na abordagem dos projetos criativo-musicais, tendo como fundamentação teórico-metodológica os trabalhos de Beineke (2023), Brito (2003), Craft (2010) e Burnard (2017). Combinando contação de histórias, sonorização, percussão corporal e instrumental, canto de repertório tradicional e composição musical colaborativa, o percurso contemplou seis encontros e culminou em um passeio possibilitando o contato direto das crianças com agentes culturais locais. Os principais resultados evidenciam o fortalecimento da relação das crianças com sua cultura, o estímulo à autoria e à imaginação musical, além do desenvolvimento de um ambiente colaborativo e participativo, capaz de valorizar a música como prática viva e significativa no contexto escolar e no território da comunidade.

Palavras-chave: Educação musical; Cultura tradicional; Projetos criativo-musicais.

Ecos da lenda, cantos da lagoa

*E toda vez que Peri sentia o sopro do vento (fuuu), sabia que Conceição havia
chegado para lhe fazer companhia.*

Este trecho (adaptação livre) conta a lenda de Peri e Conceição, romance entre um indígena e uma bruxa da Ilha de Santa Catarina. Rejeitados por suas comunidades, a união termina com Peri transformado em lagoa, cujo formato de coração simboliza seu amor. Conceição, em pranto, cria outra lagoa com suas lágrimas, dando origem à Lagoa do Peri e à Lagoa da Conceição.

A partir dessa lenda, desenvolvemos o projeto “Lagoa que vira lenda, lenda que vira música!” em nosso estágio curricular supervisionado na E.B.M Henrique Veras. Este relato apresenta os processos de planejamento, prática e reflexão, destacando como o projeto articulou diferentes dimensões da experiência musical, conectando o imaginário da narrativa ao contexto vivido pelas crianças e às práticas culturais locais.

Novos caminhos a navegar: (re)conhecendo os territórios

Nossa navegação se iniciou na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado, onde escolhemos realizar o estágio em dupla, em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública de ensino localizada no bairro Lagoa da Conceição em Florianópolis. Foi lá que tivemos um primeiro contato com a capitã de nossa nau, a professora de Artes/Música da escola. Inicialmente, realizamos três observações das aulas - com duração de 1h30. Contudo, além de observadores(as), fomos também participantes, onde buscamos interagir com as crianças e fazer música junto a elas.

Um detalhe importante: não imaginem nossa nau como uma embarcação vultosa, mas sim como uma canoa comprida, feita a muitas mãos, do tronco maciço de Garapuvu - tal qual faziam nossos irmãos Mbyá Guarani, em outros tempos. Canoa, portanto, escolhida neste relato como um símbolo do esforço colaborativo e coletivo que encontramos, e também das temáticas culturais e musicais abordadas ao longo de nosso estágio.

Canoa, canoa
Sou a popa, sou a proa
Canoa, canoa
Solta a vela, vida boa. (Grupo Gente da Terra, 2025)

Sem saber ao certo por quais águas navegar, fomos conhecendo a tripulação que nos acompanharia e descobrindo mais sobre a origem dos(as) marujos(as) (leia-se: as crianças).

Isso nos motivou a investigar o território da Lagoa da Conceição e seus arredores. Com a bússola de Teca Alencar de Brito (2003), que orienta que o repertório musical infantil esteja vinculado à vida e à cultura local, começamos a traçar um mapa de navegação para, quando assumíssemos o timão, saber conduzir o grupo.

Em nossas observações, notamos como a capitã conduzia a tripulação, estabelecendo uma rotina definida: primeiro, um aquecimento corporal e vocal essencial para preparar o corpo antes de remar (leia-se: fazer música); depois, atividades como cantigas populares, percussão corporal ou instrumental, que exigiam escuta atenta e memorização; e, por fim, o momento da brincadeira, com jogos musicais que encerravam o encontro de forma lúdica.

Finalmente, após três dias de observação, finalizamos nosso mapa, tendo no horizonte a possibilidade de navegar sob novos caminhos, mas sem deixar de valorizar os aprendizados e a rotina com os quais a tripulação já estava acostumada.

Mapa de navegação: construindo a proposta

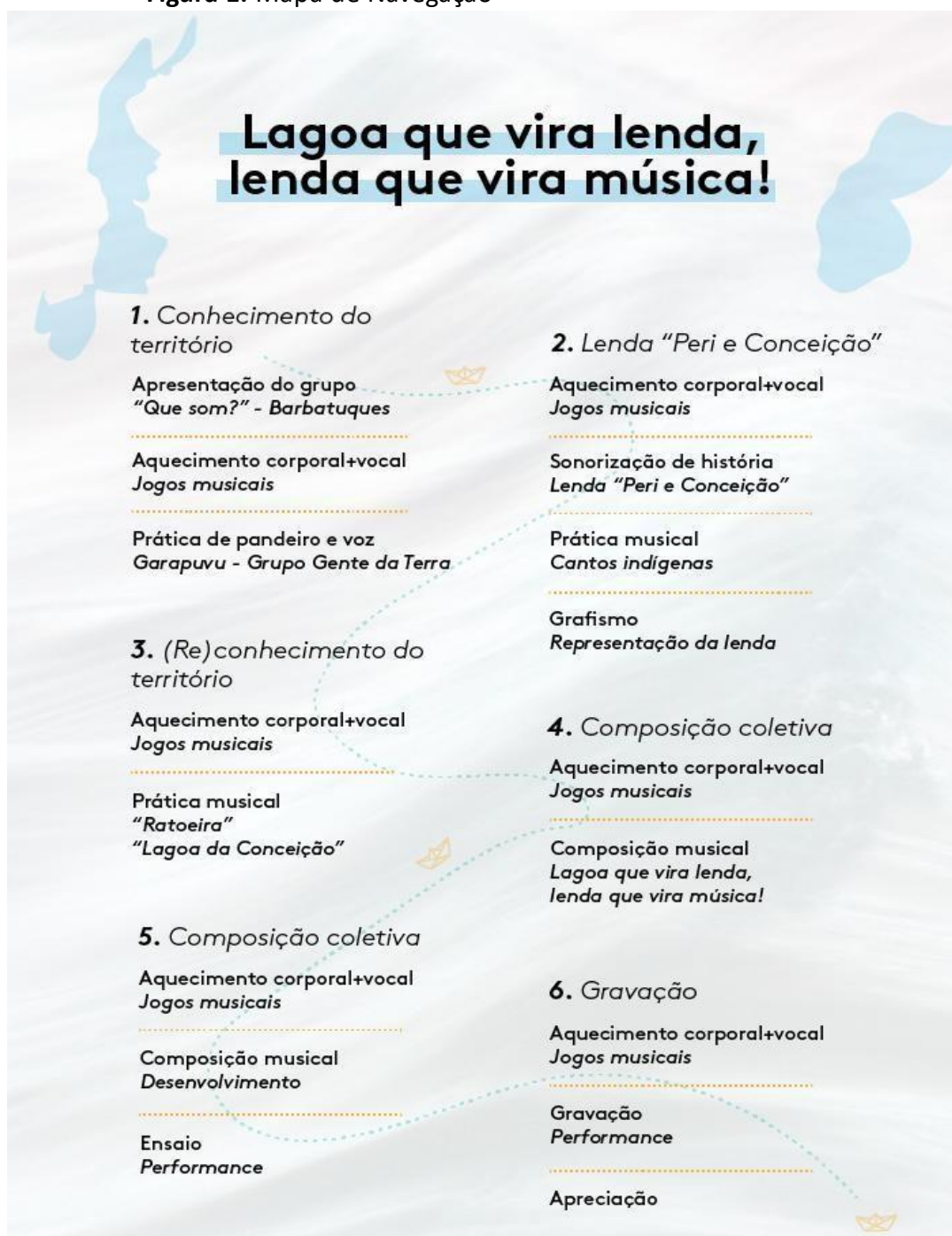
O objetivo do projeto havia sido traçado: vivenciar práticas musicais a partir da lenda “Peri e Conceição”, reconhecendo elementos da cultura local relacionados à Lagoa da Conceição e Lagoa do Peri. Para isso, optamos por conduzir as práticas através contação de história, abrangendo momentos de sonorização, práticas vocais e de percussão corporal e instrumental, e propostas de composição musical colaborativa, a partir do repertório de músicas de tradição oral da região.

Nosso projeto se baseou na abordagem dos projetos criativo-musicais (Beineke, 2023), que compreende o planejamento como um espaço dinâmico de articulação entre teoria e prática, favorecendo a imaginação, a experimentação e a autoria em diálogo com as culturas locais. Como explica Beineke (2023), essa perspectiva busca promover processos participativos e reflexivos, em que professores(as) e crianças compartilhem sentidos sobre a música. Assim, estruturamos nosso percurso em seis etapas, criando oportunidades para que as crianças atuassem ativamente em processos de composição, performance e escuta.

Foram seis dias de viagem — seis momentos em que buscamos sustentar um percurso processual, em que criação, performance e escuta se entrelaçaram com o fazer musical

cotidiano das crianças. Partindo do referencial teórico metodológico (Brito, 2003; Beineke, 2023), organizamos um planejamento aberto e flexível (Figura 1), em que o tema da lenda e o repertório local serviriam como ponto de partida para práticas inventivas e colaborativas.

Figura 1: Mapa de Navegação



Fonte: Elaborado pelos autores.

No primeiro dia, a proposta de “Que som?”¹, do Grupo Barbatuques funcionou como dispositivo para estabelecer relações sonoro-corporais e ativar a escuta criativa. Por meio do jogo vocal e corporal, as crianças seriam convidadas a experimentar e compartilhar seus próprios sons, criando um espaço de interação musical desde o início do percurso. Outra canção escolhida para esse dia foi “Garapuvu” (Grupo Gente da Terra, 2025), que conectava esse momento às sonoridades locais e ao repertório popular de Florianópolis.

O segundo dia foi reservado à imersão na narrativa da lenda. A prática de sonorização de história foi proposta como um campo de investigação estética: ao criar sons e paisagens sonoras para a narrativa, as crianças seriam convidadas a refletir sobre os significados culturais da história e sobre suas próprias maneiras de representá-la musicalmente. Elementos da cultura Mbyá-Guarani foram incorporados, buscando ampliar o horizonte sonoro das crianças e promover uma escuta aberta à diversidade. O povo Mbyá-Guarani foi escolhido como representação do personagem Peri, de nossa lenda, e por ser o povo originário de maior proximidade geográfica da escola, uma vez que o objetivo de nosso projeto estava atrelado à investigação do território local. Aqui, nos guiamos por Tristão (2020), que aponta a importância e necessidade do estudo da temática indígena nas escolas - cuja obrigatoriedade se dá a partir da Lei 11.645/2008 (Brasil, 2008), como forma de desconstruir modos de pensar baseados em uma visão eurocêntrica e colonialista sobre os povos originários. A partir da prática da música *Tangará Mirim (Mborai marae)*, vivenciamos a experiência de canto em roda a partir da repetição. Segundo Tristão (2020), “os Mbyá aprendem a cantar ouvindo repetidas vezes a canção, até o momento em que se sente pronto para cantar junto; quem está aprendendo é que decide quando é esse momento” (Tristão, 2020, p. 36).

No terceiro dia, aprofundamos o diálogo com o repertório cultural da Lagoa da Conceição, explorando canções locais como “Lagoa da Conceição”², de Orlando Mello (Neco), que possibilitou expandir a prática musical para o surdo e o ganzá. Também conhecemos os

¹ BARBATUQUES. Que Som? – Barbatuques Tum Pá – DVD Ao Vivo [vídeo]. YouTube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1e9JAWe_6-o. Acesso em: 17 jun. 2025.

² ASSOCIAÇÃO CORAL DE FLORIANÓPOLIS (canal). Lagoa da Conceição (Neco; arranjo Carlos L. Besen) [Vídeo]. YouTube, 4 anos (aproximadamente) atrás. Disponível em: https://youtu.be/5yrWRuO_K24. Acesso em: 28 jun. 2025.

cantos das Rendeiras. Além da ampliação dos materiais sonoros, este momento foi pensado como oportunidade para problematizar os vínculos entre música, território e identidade cultural — ancorados na proposta dos projetos criativo-musicais (Beineke, 2023).

Os quarto e quinto dias seriam dedicados à composição coletiva. Nesse momento, deslocamos o foco das práticas para a elaboração e transformação de sentidos, oferecendo às crianças oportunidades concretas de decidir, combinar e estruturar ideias musicais. Como sugere Beineke (2023):

[...] é fundamental que as(os) estudantes tenham oportunidades e tempo para imaginar, explorar, escolher, tomar decisões, organizar ideias musicais, desenvolver e planejar músicas, em processos de tomada de decisões musicais (Beineke, 2023, p.16).

A lenda, os repertórios e as experimentações sonoras dos dias anteriores serviriam de matriz para a invenção de uma nova narrativa musical, permitindo que as crianças se reconhecessem como autoras e colaboradoras nesse processo.

Por fim, no sexto dia, organizaríamos um momento de documentação e partilha. A gravação da performance seria concebida como forma de valorizar o percurso vivido, de dar visibilidade às aprendizagens e de fortalecer a autoria das crianças para além de um produto, considerando-a um registro das experiências e dos sentidos compartilhados ao longo da jornada.

Mãos no timão: relatos sobre as atuações

Com as rotas de navegação traçadas, era chegada a hora de assumir o timão. O que se pretende destacar, neste relato, é como o projeto foi planejado de modo a articular diferentes dimensões da experiência musical, promovendo um trânsito entre o plano da imaginação — representado pelo universo narrativo da lenda — e o contexto vivido pelas crianças, em relação com o território e com as práticas culturais locais. O percurso proposto visava justamente integrar elementos simbólicos e culturais às práticas musicais em sala de aula, favorecendo processos de criação, reflexão e apropriação. Buscamos evidenciar como as propostas foram apropriadas pelas crianças, como se deram as interações em sala de aula e de que maneira o

planejamento foi sendo ajustado em resposta às dinâmicas do grupo e às possibilidades que se abriram no cotidiano das práticas.

Certamente, os dias foram muito mais ensolarados do que nublados. Em nossa travessia, um dos momentos mais marcantes se deu com a música “Lagoa da Conceição”, do Neco. Apresentamos a canção a ser cantada com gestos corporais da seguinte maneira: *Hoje não tem cantoria* (gesto: mãos mostrando a voz saindo) / *Nem vai ter boi-de-mamão* (dedos fazendo chifres na cabeça) / *Renda em dobro para Maria* (dim-dim ‘\$’ com os dedos) / *Que é rendeira da Lagoa* (mãos fazendo renda) / *Lagoa da Conceição* (barco navegando com as mãos) (Associação Coral de Florianópolis, 2022). Após a cantoria, introduzimos o surdo, que ainda não havia sido experimentado. Divididos em grupos, alternamos entre pandeiro, canto e surdo, este último o mais disputado. Ver as crianças interessadas e concentradas tocando foi um dos pontos altos da canoa, que seguiu seu curso ao ritmo da música.

A navegação tranquila se tornou turbulenta com uma tempestade. Os desentendimentos entre as crianças foram situações que exigiram de nós, estagiários(as), a mediação dos conflitos. Nesse processo, enfrentamos o desafio de equilibrar uma postura reguladora, associada à autoridade, e uma postura sensível, mais dialógica e permissiva. Essa experiência se aproxima do que Anna Craft (2005) propõe ao discutir ambientes capacitadores, nos quais se combinam estrutura e liberdade, favorecendo tanto a segurança quanto a expressão e a participação ativa das crianças. A intervenção da professora, que conciliava limites bem definidos com abertura ao diálogo, nos mostrou como essa mediação cuidadosa contribui para relações de confiança e o desenvolvimento da autonomia.

A composição musical, como vimos em nosso mapa anteriormente, foi outra das rotas traçadas em nossa viagem. É importante destacar que compreendemos a composição musical com base em Swanwick e França (2002), que consideram composição como a organização de ideias musicais que pode se expressar desde pequenos fragmentos sonoros criados pelos alunos. Foi curioso perceber que esta rota é, em si, um caminho incerto. Nesta proposta, dividimos a turma em 4 pequenos grupos, e a cada uma foi sorteado um tema relacionado à lenda das lagoas: Peri; Conceição; Aldeia (indígena); e Bruxas. Sobre esses temas, os grupos compuseram uma canção curta (letra e melodia), e realizaram um registro visual das

composições feitas. Também foi reservado um momento para apresentação das composições, ao final deste dia, que foi registrado em áudio.

Cada grupo adotou um processo de composição diferente. O grupo que compôs sobre o personagem Peri optou por cada criança compor uma estrofe da canção, tendo como ponto de partida, portanto, as individualidades. Apesar da atividade prezar pela coletividade, essa abordagem desenvolveu um processo de confluência. Ou seja, embora estivessem em uma perspectiva individualista, ainda assim chegaram a um consenso de fluência da música: cada criança desenvolveu um verso que se relacionasse com o verso anterior. Isso gerou um sentido narrativo dentro da composição, e também resultou na composição mais comprida entre todas.

*O Peri tinha cabelo longo
Mas ele se cansou daquele suor todo do pescoço dele
Ele tava suando, mas o cabelo dele ele cortou
Ele cortou e já não sua mais
Ele não conseguia caminhar
Ele cortou o cabelo
Agora já tá bem melhor
Ele consegue andar* (Composição elaborada pelo grupo 1)

Buscamos influenciar o mínimo possível no processo criativo dos estudantes, conduzindo o caminho com perguntas facilitadoras, lembrando elementos marcantes e que poderiam servir de inspiração. Seguindo as propostas do ensino criativo de Burnard (2013), que discute sobre o papel do(a) professor(a) no desenvolvimento dessas atividades:

Ele (o professor) deve fornecer um caminho para o pensamento criativo e a resolução de problemas em todos os aspectos da aprendizagem das crianças por meio de exploração e experimentação propositais. O professor deve confiar na criança, acreditar que ela tem o desejo e o potencial de explorar e experimentar a música. O professor deve cuidar e respeitar a individualidade de cada criança. (Burnard, 2017, p.35)

Nesse sentido, o segundo grupo necessitou um pouco mais da nossa ajuda. Seu tema era a personagem Conceição, então perguntamos ao grupo: Quem é Conceição? O que aconteceu com ela? Como ela é? De acordo com suas respostas, surgiam outras perguntas.

Então, as crianças decidiram que, ao invés de cantar sobre Conceição, cantariam sobre a Lagoa da Conceição.

*A Lagoa da Conceição
Tem a água cristalina
E peixinhos bonitinhos
Lalaiá, laiaiá... (Composição elaborada pelo grupo 2)*

O terceiro grupo, que sorteou o tema das aldeias indígenas, foi rápido o bastante para finalizar a canção (e o registro) sem qualquer intervenção de nossa parte. Essas crianças utilizaram, como fonte de inspiração, parte da melodia de uma música que havíamos cantado junto à turma em outra ocasião. No fim das contas, tudo que cantamos e tocamos nesses dias de viagem acabou se tornando uma referência para as composições. Analisando cada música composta pelas crianças, era possível identificar, em algum ponto, a influência de alguma atividade passada.

*Duas aldeias no meio da lagoa
Duas aldeias encantadas (Composição elaborada pelo grupo 3)*

No quarto grupo, que possuía como tema da composição as bruxas, contamos novamente com a experiência da professora, pois, mesmo com o recurso das perguntas facilitadoras, as crianças estavam mais interessadas em desenvolver o desenho do que a canção. Inclusive, aqui, o desenho ficou pronto antes. Para nós, isso demonstrou uma familiaridade maior com o processo criativo de uma arte visual, por parte deste grupo, do que de uma arte musical.

*As bruxas fazem magia
As bruxas fazem feitiço (Composição elaborada pelo grupo 4)*

No dia seguinte, de volta à nau principal, escutamos os áudios gravados com as composições da turma. O que identificamos foi: muita dificuldade das crianças em ouvir as suas gravações. Ficaram envergonhados, alguns até mesmo se esconderam. Ouvimos,

também, algumas risadas maldosas surgiram, o que nos fez refletir sobre como o medo do julgamento dos outros nos atinge desde muito novos. O medo de se expor e ser ridicularizado pode ser enorme. Por isso, dentro da sala de aula, é importante os professores(as) procurem criar um ambiente seguro, onde todos se sintam acolhidos. Existem zonas de aprendizado e zonas de perigo para cada criança. A zona de aprendizado esteve presente durante a apreciação das gravações, sobretudo quando a vergonha se diluía à medida que as demais crianças, além de escutar, se juntavam à cantoria, criando um espaço coletivo de prática. Nesta zona, foi possível perceber o respeito às composições dos colegas e opiniões construtivas. Por outro lado, a zona de perigo também esteve presente, uma vez que, para alguns, viver a vergonha e a timidez intensamente pode gerar traumas e dificuldades que podem impactar a curto, médio, ou até mesmo longo prazo.

Desvio de rota: terra à vista!

Certo dia de nossa viagem, sentamos na canoa para descansar das grandes remadas e começamos a conversar sobre o curso do dia. A música da “Ratoeira” trouxe muitas memórias aos(às) marujos(as). Memórias das mães e avós costurando, e algumas até fazendo renda como as rendeiras. Contavam isso com empolgação.

Esse momento de partilha foi muito importante para a nossa viagem, pois pudemos perceber que, até aquele momento, a nossa jornada estava fazendo muito sentido para eles. Foi em um desses momentos ensolarados que vislumbramos, no horizonte, uma rota não planejada. E embora nossa viagem musical tivesse como ponto de chegada a gravação das composições, associando-as à sonorização de Lenda de Peri e Conceição, quis o clima nos levar por outro caminho. Um caminho não desenhado em nosso mapa.

Nem nos nossos melhores sonhos, teríamos planejado experiência tão intrigante: um passeio pela Lagoa da Conceição. Claro, ela era nossa vizinha a todo instante. Só que dessa vez, colocamos os pés no chão mesmo, deixando os remos de lado; e naquela que seria a nossa última manhã junto à tripulação, partimos em direção ao Casarão da Lagoa, um lugar que guarda a história da região. Uma promessa nos havia sido feita: conhecer - adivinhem - as rendeiras!

Pelo caminho, revisitamos as cantorias dos tempos de navegação. Na chegada ao casarão, já fomos recebidos por uma das Rendeiras Cantadeiras, que nos conduziu pelos ambientes da casa, mostrando marcas do tempo nas pinturas das paredes, rendas de todos os tipos, além de uma exposição artística com vários elementos representativos da cultura local. Quase dava para ver o reflexo das águas que havíamos navegado, nas semanas anteriores, em cada uma das obras expostas.

Meu galho de malva, meu manjeriço
Dá três pancadinhas no meu coração
Meu galho de malva, meu buquê de flor
Nascestes no mundo para ser meu amor (Refrão da Ratoeira)³

A Ratoeira, tradicionalmente, intercala o refrão e versos improvisados pelas rendeiras. Imaginem, agora, que nossos(as) marujos(as) tiveram a oportunidade de cantar com elas! Sim. Cantávamos o refrão, e as rendeiras, ao mesmo tempo que faziam suas rendas, improvisavam os versos. Naquele momento, tudo fez sentido. Fosse nosso mapa um roteiro de cinema, este seria o melhor final alternativo possível. E o juízo de valor aqui não se faz por pura parcialidade de quem esteve lá ou de quem escreve este relato, mas sim por um sentimento genuíno de realização e de dever cumprido. Foi como se a nossa simples ideia de conectar um repertório musical com a cultura local tivesse ali, naquela sala, seu ponto de intersecção. Um portal.

Antes de irmos embora, as rendeiras também tiveram seu momento de apresentação, e cantaram "Rancho de amor à ilha", um clássico do repertório musical de Florianópolis. Muitas das crianças conheciam a canção, e puseram-se a cantar junto.

Atracamos. E agora?

Encerramos esta travessia convictos de que o nosso estágio foi muito além de um simples planejamento de atividades musicais. Nossa canoa, construída a muitas mãos,

³ LETRAS.MUS.BR. Ratoeira – folclore açoriano [Letra]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/folcloreacoriano/ratoeira/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

navegou por águas que misturaram o imaginário da lenda à realidade pulsante das memórias, dos saberes e dos sons que habitam a Lagoa da Conceição. O percurso mostrou que a música na escola pode ser um poderoso elo entre cultura local, identidade, criatividade e participação coletiva.

Ao revisitar a lenda, sonorizar narrativas, cantar canções do território, criar composições autorais e, por fim, vivenciar tudo isso fora dos muros da escola, junto às rendeiras, as crianças experimentaram a música como linguagem viva — que conecta, emociona e faz sentido. A nós, enquanto estagiários, coube aprender a escutar, a flexibilizar rotas, a acolher imprevistos e a perceber que, muitas vezes, o mais valioso do percurso não está no destino final, mas nos encontros que ele permite.

Assim, atracar não significa encerrar. Significa abrir novas margens: para que as crianças, agora navegantes de suas próprias histórias, levem adiante aquilo que criaram, cantaram e viveram; para que nós, futuros(as) professores(as), sigamos acreditando em propostas pedagógicas que valorizem o território, a cultura local e a autoria infantil; e para que a canoa, tal qual o Garapuvu, permaneça firme, pronta para novas águas e novas lendas que ainda hão de virar música.

Referências

ASSOCIAÇÃO CORAL DE FLORIANÓPOLIS. Lagoa da Conceição (Neco, Arr. Carlos Besen) - Associação Coral de Florianópolis. YouTube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5yrWRuO_K24. Acesso em: 23 jun. 2025.

BEINEKE, Viviane. Educação musical em projeto: criatividade na escola. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2023. 148 p. il. (Coleção Músicas em Diálogo, v. 2).

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRITO, Teca Alencar de. A música na educação infantil. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BURNARD, Pamela. Enseñar musica de forma creativa. In: BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina. Enseñar musica de forma creativa. Madri: Ediciones Morata, 2017.

CRAFT, Anna. Creativity in Schools: Tensions and Dilemmas. London: Routledge, 2005.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. Em Pauta: Revista do Programa de PósGraduação em Música da UFRGS, Porto Alegre, v. 13, n. 21, p. 5–36, dez. 2002.

GRUPO GENTE DA TERRA. Garapuvu. Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/grupo-gente-da-terra/1412953/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

TRISTÃO, Claudia Roberta Yumiko. Vozes Mbya-Guarani na escola: entre tramas e trilhas. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.